

POÉTICA DO TRAÇO

Maria Zilda da Cunha¹

VII

Beija-me com beijos de tua boca!
Teus amores são melhores do que o vinho,
O odor dos teus perfumes é suave,
Teu nome é como um óleo escorrendo
E as donzelas se enamoram de ti...

Arrasta-se contigo, corramos!
Leva-me, ó rei aos teus aposentos
e exultemos! Alegremo-nos em ti!
Mais que ao vinho, celebremos teus amores!
Com razão se enamoram de ti..."

[...] *Cântico dos Cânticos*

O excerto acima pertence ao poema *Cântico dos Cânticos* do qual Angela Lago realizou uma das mais belas e engenhosas traduções intersemióticas².

1 Doutora em Estudos Comparados. Professora da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de pesquisas *Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens* (CNPQ)

2 Tradução Intersemiótica ou 'transmutação' define-se como o tipo de tradução que 'consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais', ou 'de um sistemas de signos para outro'(PLAZA, 2003)

Esse canto, colocado na Bíblia grega, na *Vulgata* entre o *Eclesiastes* e a *Sabedoria*, aparece na Bíblia hebraica entre os escritos que formam a terceira e mais recente parte cânon judaico. Carrega consigo discussões intermináveis sobre a época em que fora escrito, sobre a autoria e sobre o que nos diz sua história. O cântico tem o aspecto de coletânea de cantos próprios para esposais, aparentemente unificados em uma peça única. Produtos de mais de um autor anônimo, teriam sido burilados e reunidos em livro por um poeta, no pós-exílio, por volta do ano 400 a.C..

No original hebraico, traduzido literalmente, o título carrega a autoria: *Cântico dos Cânticos, do rei Salomão*. Esta forma superlativa, “o mais belo canto” ou “o cântico por excelência”, atesta que o autor tinha consciência de sua importância. Embora o texto diga que o rei Salomão seja seu autor, vários outros indícios mostram que no ano de 400 a.C., Salomão já havia morrido há cinco séculos. Esta autoria é atribuída pelo fato de, na Antiguidade, ser costume conferir ao próprio escrito o nome de uma pessoa famosa do passado. Salomão, além disso, era considerado patrono da sabedoria, visto que foi no seu reinado que o estilo sapiencial foi inaugurado, seguindo os moldes da corte egípcia, onde havia vasta produção poética sobre o amor. Outro argumento que refuta essa autoria é a presença abundante de neo-hebraísmos, persismos, aramaísmos e termos gregos, desconhecidos na era salomônica.

O texto bíblico, na versão dos antropólogos, resumidamente encontrada na Enciclopédia Britânica, é a de um relato do casamento de camponeses sírios. Esses casamentos são costumeiramente realizados na primavera, quando as flores brotam. Os noivos são tradicionalmente coroados, como rei e rainha. Na cerimônia, era comum também um dos padrinhos fazer o papel de poeta e recitar poemas de amor. Para a visão junguiana, o texto retrata a imagem do verdadeiro casamento arquetípico, da união dos aspectos femininos e masculinos (*anima* e *animus*) – ou da razão e do sentimento na alma do indivíduo. Na visão religiosa, o Cântico é a grande parábola sobre o amor que liga Javé ao seu povo, no qual a amada seria Israel e o amado seria Javé.

É possível dizer que Angela Lago reúne estas três visões através das imagens alegóricas e do afastamento dos dois personagens. Esses, sempre em planos opostos, realizam a busca mútua entre labirínticas colunas de um templo, cercado por jardins em forma de molduras que estampam o arabesco vegetal. Os enamorados se encontram e se perdem – e novamente se buscam em aproximações e afastamentos que se sucedem. A imagem traz, em vertigens poéticas, o contexto histórico, o sagrado e o profano, sensações, atos, celebrações. Com a visão do alto, vemos colunas que se transformam em focos de luz. Os centros são nós de energia. Temos perspectivas conflitantes, pontos de fuga conflitantes. Sem lógica. Cada ponto tem sua vertigem.

No encarte que acompanha o livro de Angela Lago *O Cântico dos Cânticos* há comentários de Edmir Perrotti³ sobre uma conversa com Angela a respeito de questões referentes à criação, literatura e livros infantis, na qual ela revela em relato, ainda apaixonado, o fascinante encontro que tivera aos 12/13 anos de idade com o poema bíblico *Cântico dos Cânticos*, concluindo com a frase: “Gostaria tanto de traduzir esse deslumbramento em imagens. Mas não sei como!”. Muitos anos depois, esse deslumbramento reverbera e se concretiza no poema visual *O Cântico dos Cânticos*, livro, que empresta uma de suas páginas para a capa de nossa revista.

Sob a perspectiva dos estudos comparados, que nos propiciam compreensão dos processos de absorção – como superação das influências – e levam-nos a perspectivar uma compreensão de processos dinâmicos de produção e recepção, e ainda sob a perspectiva da crítica genética pela qual se busca compreender mecanismos específicos que podem reger a gênese de criação de uma obra, torna-se possível aqui uma breve visada analítica sobre esse processo de tradução intersemiótica de singular beleza.

Para essa empresa tomamos de empréstimo a metáfora da Árvore e nos aventuramos a essa experiência analítica. A árvore, conforme sabemos, é como a água, símbolo da criação. Enquanto a água é capaz de reproduzir

3 PERROTI, Edmir. *O Texto Sagrado*. [Encarte da obra LAGO, Angela. *Cântico dos Cânticos*...]

todas as formas, a árvore constitui a imagem de todas as possibilidades geométricas do espaço. Suas raízes aspiram ao húmus (elementos de matéria mais densa), suas folhas e frutos são solidários aos raios de luz, forças imponderáveis do universo solar, e é através da verticalidade do tronco, que a expõe ao sol, que sai da treva subterrânea, ele coloca-a à luz - concretiza a criação.

Começemos pelas raízes ou efeitos detonadores da criação: qualidades de sentimento, puras sensações, o “ponto de partida para a criação”. Cecília Salles⁴ fala da importância de se distinguir o ponto de partida para a criação ampla - uma forma vazia e o ponto de partida para uma criação específica: uma forma menos vazia.

Uma forma vazia: assim como, quando a mente provocada por um desejo, torna-se uma espécie de torre de observação, à espera de incidentes que possam excitar a imaginação. Com a predisposição para criar, o artista busca um corpo como objeto de seu desejo. Na sua torre de observação, qualquer coisa pode ser essa imagem que levará a esse corpo. Uma forma menos vazia, quando o elemento inicial da criação pode ter sido definido. Embora definido, suas descrições ficam envoltas por uma indefinida nebulosa pertencente a uma zona vaga e obscura; como explica Cortázar, uma imagem profundamente carregada de algo que não se sabe o que é, mas contém uma excitação. Esses efeitos detonadores são cheios de vida e variedade: – ícones por excelência. Variedade potencial, uma vez que não está ali presente de forma definida. Há também as sensações alimentadoras ou mantenedoras do processo de criação, o artista é, como diz Picasso, um receptáculo de emoção, aquele que permanece vigilante. Dessa forma, Escher, “o artista gráfico que explorou o infinito”, passa a alimentar processo criador da referida autora, como ela própria afirma.

Os efeitos objetivados (índices) ou como nos propomos chamar as flores e os frutos estão estritamente ligados ao caminhar do criador em direção às

4 SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: processo de Criação Artística*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 1998.

qualidades primeiras. Tem a ver com a intencionalidade e o efeito estético a ser provocado. Como revela Poe quando diz que prefere começar com a consideração sobre o efeito. Tal preocupação fica evidente no percurso de Angela Lago, como revela seu depoimento:

“Usei, como referencial de linguagem nestes desenhos, as iluminuras, as miniaturas medievais e islâmicas e inclusive citei o que delas foi retomado, no final do século passado, por William Morris. Há ainda algum barroquismo ou maneirismo, na medida em que tento descentrar o olhar com inúmeras espirais, e provocar algo parecido com meu sentimento de deslumbramento”.

Esse efeito buscado pela artista pode se ver em dois pontos: o efeito que sobre nós exerce a obra ao folhearmos suas páginas, quando “a obra oferece-se ao nosso olhar” e, pela evocação explícita da autora ao explorar detalhes na tentativa de “criar uma atmosfera de sonho” para que “a leitura se construa fora de qualquer domínio”. O tronco – nesta perspectiva analítica – seria o sustentáculo da obra – símbolo⁵, por meio do qual a árvore emerge como uma forma organizada, ordenada, parecendo ter sido assim destinada desde o princípio àquela forma.

Essa ordem, misteriosamente, não pertence ao criador. Este, num ato de amor, apenas tirou-o daquele caos inicial, em que ambos habitaram por certo tempo. Mas se uma coisa é certa, o processo de criação, que se concretiza na escritura, na pintura, na escultura ou em qualquer materialidade, é um ato permanente, no qual o criador também se cria ao longo do processo (como diz Bakhtin). E, como toda recriação, o poema do leitor não é idêntico. É análogo apenas enquanto ato da criação: o leitor recria o instante e cria-se a si mesmo.

Ao fim e ao cabo, assim como os estudos comparados de literaturas inscre-

5 Ícone, índice, símbolo na perspectiva da semiótica peirceana.

vem no perfazer de suas investigações – como *corpus* de análise privilegiado – os textos verbais, os estudos de crítica genética também iniciaram suas investigações tendo como objeto os manuscritos. Sendo assim, ambas as searas visam ao estudo da produção literária e têm buscado o papel de outras linguagens no percurso criador, nas dinâmicas da produção e da recepção. Ambas investigam formas que se erigem sob a modalidade do verbal.

Neste caso, iluminados pelas perspectivas da crítica genética de extração peirceana e dos estudos comparatistas, a obra de Angela Lago erige-se sob a égide do visual, deixando o verbal como a seiva que o alimentou.

Por algum motivo, *Cântico dos Cânticos*, o poema escritura, se quis silencioso, “o texto do meu encantamento, sem palavras, intocado, num lugar sagrado, pleno de seus segredos, por paixão, zelo ou pudor... ficou atrás dos desenhos”.⁶

Concluimos, lembrando T. Eliot: em toda obra de arte, em todo processo de criação algo tem de permanecer sem resposta.

6 LAGO

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

COTÁZAR, Julio. *La Fascinacion de las palabras*. Barcelona, Munik, 1985.

CUNHA, Maria Zilda. *Matrizes de Linguagem e Pensamento na literatura infantil e juvenil: a tessitura dos signos em obras de Angela Lago e Otaviano Correia*. Tese de doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. USP, 2002.

LAGO, Angela. *O cântico dos cânticos: uma leitura através de imagens*. Belo Horizonte, PUC-PREPES,

LAGO, Angela. Entrevista com a autora. Belo Horizonte, 2001.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1972.

PERROTI, Edmir. *O Texto Sagrado*. [encarte da obra LAGO, Angela. *Cântico dos cânticos...*]

PICASSO, Pablo. *O pensamento vivo*. São Paulo, Martin Claret, 1985

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo, Perspectiva, 2003

POE, Edgar Alan. *Filosofia da composição*. In: S. Bradley et all the American tradition in Literature New York Grosset & Dunlap. Inc.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: processo de Criação Artística*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 1998.